



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A IMPORTÂNCIA DA (RE) CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA PARA
A ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFASAGEM IDADE-SÉRIE**

DANIELE ARAÚJO DA SILVA

ORIENTADORA: PROFa. MS. LINAIR MOURA BARROS MARTINS

BRASÍLIA - 2011



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



DANIELE ARAÚJO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA (RE) CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA PARA
A ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFASAGEM IDADE-SÉRIE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,
da Faculdade UAB/UNB - Pólo de Santa Maria.
Orientadora: Professora Ms. Linair Moura Barros Martins

BRASÍLIA - 2011

TERMO DE APROVAÇÃO

DANIELE ARAÚJO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA (RE) CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA PARA
A ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFASAGEM IDADE-SÉRIE**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

LINAIR MOURA BARROS MARTINS (Orientadora)

STELA MARTINS TELES (Examinadora)

DANIELE ARAUJO DA SILVA

DEDICATÓRIA

Aos profissionais que fazem da escola um espaço de inclusão;

Aos alunos que esperam uma oportunidade para mostrarem suas potencialidades;

A todos que, através de pequenos gestos, constroem uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida;

Aos meus familiares que a cada momento incentivaram-me na busca pelos meus sonhos;

Aos meus pais, por cada palavra, cada sorriso, cada lição de vida, que construíram o meu caminho até aqui;

Ao meu marido, pelo apoio e dedicação;

A Ana Beatriz e ao Rodrigo, meus queridos filhos, que com beijos, abraços calorosos e declarações de amor, apoiavam e se orgulhavam de ter uma mãe estudante;

A Linair Moura, orientadora paciente, que me ajudou a tornar este trabalho uma realidade;

A professora e aos alunos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, que participaram desta pesquisa;

A Universidade de Brasília, pela oportunidade;

A todos que acreditaram e que de alguma forma me ajudaram na realização de mais um projeto na minha vida.

RESUMO

A autoestima influencia diretamente o processo ensino-aprendizagem. Ao relacionar-se com sociedade em que vive o homem constrói sua autoestima, suas crenças e colabora com o desenvolvimento de seus pares. A alfabetização contribui para o desenvolvimento ao proporcionar a inclusão social do aluno. Este trabalho propôs verificar a importância da (re)construção da autoestima na alfabetização de alunos defasados idade-série e com históricos de repetência. Inicialmente foram definidos conceitualmente autoestima e alfabetização para fundamentar a pesquisa qualitativa, que aconteceu por meio de observação participativa e entrevistas com os alunos e com a professora de uma turma do Programa Se Liga DF que funciona numa escola pública do Distrito Federal. Com a análise dos resultados obtidos no trabalho de campo verificou-se que a (re) construção da autoestima do aluno é de fundamental importância para a sua alfabetização e por consequência para a sua inclusão no ambiente escolar e na sociedade, vencendo diversas barreiras que eram impostas pela não-alfabetização.

Palavras-chave: autoestima, alfabetização, aprendizagem.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
APRESENTAÇÃO	9
I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 Autoestima, aprendizagem e desenvolvimento	12
1.2 Contexto Legal	13
1.3 Definindo autoestima	16
1.4. Discutindo alfabetização	19
1.5 A importância da escola na formação da autoestima	20
1.6 Apresentação do programa Se Liga	22
II – OBJETIVOS	27
III – METODOLOGIA	28
IV – RESULTADOS	34
V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	
A – Roteiro de entrevista com a Professora (Modelo)	46
B – Roteiro de entrevista com a Aluno (Modelo)	47
C – Protocolo de Observação(Modelo)	48
ANEXOS	
A – Carta de Apresentação – Escola (Modelo)	49
B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)	50
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Idade dos Alunos	30
Quadro 2 - Série de Origem dos Alunos	31

APRESENTAÇÃO

A sociedade convive com inúmeras contradições, enquanto lidamos com tecnologias avançadas, televisão, computador, carro e tantas outras coisas, encontramos ainda pessoas que não são alfabetizadas que, por vezes, não conseguem usufruir desses bens, nem conseguem utilizar todos os recursos que estão disponíveis na sociedade, ficando à margem ou participando precariamente de um mundo letrado.

Encontramos um mundo globalizado onde falamos de educação à distância, de ciberespaço, mas também encontramos pessoas que nunca tiveram acesso ao computador e muito menos tiveram acesso à sala de aula, ou se tiveram não conseguiram desenvolver as habilidades necessárias para se tornarem parte da sociedade letrada.

Por não saberem ler nem escrever, as pessoas são excluídas de atividades básicas, como pegar um ônibus com autonomia, são impedidas de usufruir de bens mas, são discriminadas. Assim são excluídas as pessoas que não conseguem dominar as habilidades ligadas à leitura e à escrita.

Desde muito cedo o assunto alfabetização me encantou. Quando pequena presenciei minha mãe alfabetizando minha irmã, em casa, ao chegar do trabalho, porque a pequena de cinco anos não queria voltar à escola, pois, segundo ela, a *tia tinha dado língua*. Também acompanhei uma senhora que tinha ido para a escola por diversos anos e não sabia ler e que por volta dos quarenta anos, ao acompanhar seus filhos nas lições, descobriu o fantástico mundo da leitura.

Durante minha trajetória profissional, preferi lecionar em turmas de alfabetização, onde tinha a possibilidade e o desafio de apresentar aos alunos um mundo diferente, ou seria, apresentar o mundo de uma maneira diferente?

Lembro que uma vez uma aluna me confidenciou: *Agora sou feliz... não preciso ficar pedindo para os outros lerem as coisas para mim...Agora eu sei sozinha.*

Comecei a enxergar a leitura e a escrita não apenas como um item no currículo, mas, como uma forma de inclusão social.

Em 2007, conheci o Programa Se Liga que através do método Dom Bosco, alfabetizava alunos com defasagem idade-série, matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste programa, os alunos são alfabetizados com sucesso e o que me chamou a

atenção não foi o método utilizado para a alfabetização e sim a importância dada à relação professor-aluno, vínculo indispensável à aprendizagem.

Assim sendo, ao inscrever-me no curso Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar vi a oportunidade de aprender e pesquisar sobre o que diferenciava este programa de tantos outros com o objetivo de alfabetizar.

Desde o início da pesquisa, vi que este interesse pela autoestima do aluno em um programa de alfabetização não era somente meu: ao apresentar-me na escola, fui recebida pela diretora que externou um grande interesse pelo tema do trabalho. Falou que acreditava que a autoestima é essencial para a vida escolar de um aluno e para embasar sua crença contou uma história que achei interessante compartilhar:

Um líder comunitário procurou a escola para solicitar duas vagas para dois filhos de um carroceiro que conhecia. Os dois alunos estavam com defasagem idade-série e foram matriculados na turma do programa Se Liga. Após o primeiro mês de aula, os alunos começaram a faltar às aulas, a escola entrou em contato com os pais que informaram que os alunos não iriam mais a escola, porque a escola não serviria para nada, uma vez os alunos iam ser carroceiros e, para isso, não iam precisar ler e escrever. O Conselho Tutelar foi acionado, mas infelizmente os alunos não voltaram à escola.

A diretora também contou que:

Um aluno constantemente chegava atrasado e ao ser questionado sobre o porquê a mãe alegou que chegava tarde do culto e não conseguia acordar cedo, também acrescentou que a igreja era mais importante que a escola e que não se importava com a situação. Esta situação foi resolvida quando o coordenador deu de presente ao aluno um despertador e o ensinou a utilizá-lo.

Nos dois exemplos é possível notar que muitas vezes as crianças são impedidas de prosseguir seus estudos com sucesso por pessoas que deviam promover seu desenvolvimento integral, pais e/ou responsáveis, por isso a diretora sugeriu que esta pesquisa fosse divulgada aos pais, para que eles percebam a importância da autoestima na vida dos filhos.

Utilizando dados e analisando diversos estudos sobre autoestima e alfabetização, a presente pesquisa tem como objetivo, por meio de entrevista semiestruturada, observações do ambiente escolar e análises bibliográficas, verificar a importância da construção (ou reconstrução) da autoestima para a alfabetização de alunos participantes do Programa Se Liga

Brasil, que por se tratar de uma turma que está funcionando no Distrito Federal, é nomeado como Se Liga DF.

Para tanto o presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo abordará o referencial teórico partindo do contexto legal do atendimento dos alunos com defasagem idade-série, definiremos autoestima, alfabetização e a importância da escola na formação da autoestima, também relacionaremos autoestima e aprendizagem e por fim apresentaremos o programa Se Liga, onde aconteceu a pesquisa.

No segundo capítulo, serão apresentados os objetivos da pesquisa, que terá a metodologia explicada no capítulo três.

No quarto capítulo apresentaremos os resultados encontrados, que serão discutidos no quinto capítulo.

Por fim serão colocadas as considerações finais sobre o presente estudo.

Espero que esta pesquisa possa provocar discussões sobre o assunto, e que a importância dada à autoestima não apareça apenas em programas específicos, mas em todos os relacionamentos existentes no ambiente escolar.

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1- A autoestima, aprendizagem e desenvolvimento

Ao nascer, o ser humano precisa desenvolver habilidades para viver. Com a convivência com as outras pessoas vai aprendendo, desenvolvendo sua inteligência e personalidade. Esse crescimento vai depender, e muito, das condições que a criança terá ao longo da vida.

O processo de desenvolvimento é estimulado pelo processo de aprendizagem:

(...) o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (VYGOTSKY, 1998, p.117-118)

Vygotsky considerava dois tipos de desenvolvimento humano:

- de origem biológica: processos elementares;
- de origem sócio-cultural: funções psicológicas superiores.

Enquanto o desenvolvimento biológico ocorre, as funções psicológicas superiores se desenvolvem de acordo com o processo de internalização. “Esse processo de internalização inicia-se nas relações sociais, nas quais os adultos ou as crianças mais velhas, por meio da linguagem, do jogo, do ‘fazer junto’ ou do ‘fazer para’, compartilham com a criança seus sistemas de pensamento e ação”. (FONTANA, 1997, *apud* SILVA, RIBEIRO e MIETO, 2010)

A linguagem tem papel importante no processo de internalização e, portanto na construção do sujeito. Com a linguagem, o ser humano expõe seu pensamento, construindo significados e sentidos, interpretando ou criando realidades, ou seja, assim o homem percebe o mundo.

Piaget (*apud* Wadsworth, 1997), fez ligação entre os aspectos cognitivo e afetivo:

É impossível encontrar um comportamento oriundo apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo. É igualmente, impossível encontrar um comportamento composto só de elementos cognitivos... embora os fatores afetivos e cognitivos sejam indissociáveis num dado comportamento, eles parecem ser diferentes quanto à natureza... É óbvio que os fatores afetivos estão envolvidos mesmo nas formas mais abstratas da inteligência. Para um

estudante resolver um problema de álgebra ou para um matemático descobrir um teorema, deve haver um interesse intrínseco, um interesse extrínseco ou uma necessidade de partida. Enquanto trabalha, estados de prazer, desapontamento, ansiedade tanto quanto fadiga, esforço, aborrecimento, etc., entram em cena. Ao finalizar o trabalho, sentimentos de sucesso ou fracasso podem ocorrer; e finalmente, o estudante pode experimentar sentimentos estéticos fluindo da coerência de sua solução (p. 37).

O cognitivo e a afetividade estão entrelaçados em todos os momentos da vida. A escola deve buscar desenvolver o aluno integralmente, valorizando todos os aspectos: motor, afetivo, social e cognitivo. Muitas vezes encontramos estratégias que ignoram os diversos aspectos, deixando de lado as necessidades dos alunos, necessidades estas que se fossem olhadas com mais cuidado não causariam reprovações e defasagens.

Para Wallon, a dimensão afetiva é tão importante quanto a inteligência.

Segundo Galvão (2000), Wallon alega que as trocas relacionais da criança com os outros são essenciais para o desenvolvimento da pessoa. Não se podem desconsiderar as inter-relações entre os aspectos motores, afetivos e cognitivos, como Mahoney (2000) descreve:

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das conseqüências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa (p. 15).

Os diversos aspectos que formam a pessoa são por muitas vezes desconsiderados e assim o aluno é resumido a uma pessoa que precisa ler e escrever. E assim a escola vai perdendo sua função principal, a formação de um sujeito pleno.

1.2 - Contexto Legal

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 9394/96, em seu artigo 22 afirma que a “educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

O desenvolvimento do educando ao qual a LDB faz referência, não está apenas ligado aos aspectos cognitivos, também inclui os aspectos físico, emocional e social. Esse desenvolvimento está ligado, também, à aquisição de habilidades e apropriação de instrumentos culturais como a língua.

Na escola, o educando passa a fazer parte de um grupo e desde o início tem na língua materna uma forma de entrosamento com o outro.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

O domínio da língua torna-se uma forma de inserção do sujeito na sociedade, já que com o conhecimento desta, o homem comunica-se com os demais, faz-se entender e também entende.

Mas, infelizmente a Língua que torna possível a participação do homem nos diversos setores da sociedade é a mesma que o marginaliza, é a mesma que o exclui dos acontecimentos diários. Muitas pessoas ainda sofrem por não saberem ler e escrever, umas por não terem tido a possibilidade de freqüentar uma escola, outras por não terem sucesso na permanência em sala de aula.

Em 24 de abril de 2007, foi assinado o decreto nº 6.094 que estabeleceu o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, visando à mobilização da sociedade pela melhoria da qualidade da educação básica. Neste compromisso, várias metas foram designadas visando ao acesso e à permanência do aluno na escola: transporte, livros didáticos, atividades de reforço, turno integral. Uma das primeiras metas é alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, aferindo os resultados por exame periódico específico.

Segundo o terceiro relatório De olho nas Metas¹, apenas 58,1% das crianças de 9 anos concluíram o 3º ano/2ª série com 9 anos; considerando as de 10 anos, a conclusão desta série é de 84,2%. Quando a conclusão da série é relacionada ao rendimento familiar, a taxa cai

¹ De Olho nas Metas 2010- relatório anual de acompanhamento das 5 metas do movimento Todos pela Educação.

conforme menor rendimento: apenas 43,9% das crianças de famílias com rendimento até um quarto de salários mínimos concluíram o 3º ano/2ª série aos 9 anos e 71,3% aos 10 anos.

Encontramos várias crianças que apesar de freqüentarem a escola há diversos anos não conseguem atingir o objetivo que desde o primeiro dia de escola buscaram com ansiedade: a alfabetização.

Essas crianças costumam ir todos os dias à escola, participam das atividades propostas, por vezes, até copiam do quadro palavras que para elas não tem sentido algum, mas não conseguem ler e escrever. Estão em sala de aula, mas não estão na turma onde, pela sua idade deveriam estar. Assim surgem as desistências, os abandonos, aos poucos as crianças acabam sendo excluídas por seus colegas, pela comunidade e até mesmo por si mesma.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994):

As escolas devem ajustar-se a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, lingüísticas ou outras. Neste conceito incluem-se crianças com deficiência ou superdotadas, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações imigradas ou nômades, crianças de minorias lingüísticas, étnicas, ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais. (p.67)

Várias são as barreiras encontradas quando falamos em inclusão, visto que esse movimento não se resume apenas na inserção de alunos em salas de aulas, em turmas regulares. É necessário que a inclusão englobe a inserção e a permanência todos os alunos na escola. Esse desafio deve envolver a sociedade como um todo. Quando pensamos nas barreiras a serem quebradas, somos levados a pensar na arquitetura, na comunicação, mas a Declaração faz referência explícita às questões lingüísticas, nas quais se enquadra o domínio da língua.

Foi a partir da proposta apresentada na conferência em Salamanca que o termo inclusão passou a fazer parte das discussões em âmbito educacional incluindo o reconhecimento das diferenças, o atendimento às necessidades de cada um, a promoção da aprendizagem, o reconhecimento da importância de uma “escola para todos” e a formação dos professores, bem como a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular.

Tanto a Declaração de Salamanca quanto a Declaração Mundial sobre Educação para Todos mostraram a necessidade de colocar a criança como objeto central de uma educação

que preze pela flexibilidade e adaptação de meios que considerem as necessidades individuais, proporcionando a inclusão de todos.

A proposta inclusiva estimula o surgimento de uma nova escola, de uma nova sociedade, onde as diferenças não sejam motivo de exclusão e sim pilares de desenvolvimento dos alunos, de suas famílias e da comunidade como um todo.

Além de políticas públicas adequadas, não apenas no papel, mas que funcionem com sucesso, a escola precisa formar seus integrantes, professores, servidores, direção; precisa construir uma rede eficiente de apoio (profissionais de saúde, ONG's), que ajudarão na superação das dificuldades encontradas no processo de inclusão. Toda a comunidade escolar bem como todas as ações pedagógicas devem estar voltadas para o atendimento dessa diversidade, promovendo ações necessárias para a democratização da educação, este direcionamento é encontrado em vários documentos, principalmente na Declaração de Salamanca.

A falta de um atendimento adequado tem levado à formação de um número significativo de crianças que não avançam ou, quando avançam, não dominam os conteúdos básico do ano/série em que se encontram. Esta situação, denominada fracasso escolar, traz consequências para a escola, para o sistema de ensino e, principalmente, para a criança. Sua motivação diminui na medida em que seus esforços não alcançam os objetivos da escola, transparecendo em seu comportamento, um conjunto de atitudes que podem variar entre a indiferença com relação à escola, a falta de entusiasmo com os conteúdos apresentados, a agressividade, a inassiduidade habitual, dentre outros. Essas expressões são demonstrações de sua condição interna, afetada pela baixa autoestima.

A democratização da educação só será efetiva com o reconhecimento das diversidades, onde o individual seja valorizado, seja respeitado, onde as ações pedagógicas sejam influenciadas pela relação afetiva entre professor e aluno, criando oportunidades de (re)construção da autoestima, considerando este como fator essencial da aprendizagem.

1.3- Definindo Autoestima

O desenvolvimento da criança tem início no momento da concepção, mas os processos necessários à sua evolução não são apenas orgânicos, eles dependem do contexto social em

que ela está inserida e das relações que ocorrem entre as pessoas com quem se relaciona. Bronfenbrenner (1996) afirma que esses processos, denominados por ele “processos proximais” são mais importantes que as condições biológicas da criança na determinação da trajetória desenvolvimental.

É importante que a criança seja estimulada, crescendo não apenas organicamente, mas afetivamente. Através do relacionamento com o meio a imagem corporal é construída e este relacionamento vai proporcionar a organização da “imagem corporal como núcleo central da personalidade”. (ROSA NETO, 1996)

Para Tiba (1999, p. 157) a autoestima “É o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma. Aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento”. A autoestima vai possibilitar a confiança em nós mesmos, na possibilidade de realização e a avaliação de nossas atitudes.

Para Branden (2000, p. 22) “autoestima é a confiança na capacidade de pensar, confiança na habilidade de dar conta dos desafios básicos da vida e no direito de vencer e ser feliz”. Essa confiança é essencial para a vida, é ela que vai proporcionar elementos essenciais para o homem buscar seus ideais.

A pessoa que possui uma autoestima positiva sente-se em condições de enfrentar os desafios apresentados durante o processo ensino-aprendizagem e também na vida.

Miranda (2010, p. 37) ao citar Branden, lembra que “a autoestima é composta por dois sentimentos: de competência pessoal e de valor pessoal. É a soma da autoconfiança com o autorrespeito”:

- autoconfiança: confiança que a pessoa tem em sua capacidade de lidar com os desafios. É ela que mostra a certeza de que a pessoa está preparada para realizar com sucesso, uma tarefa proposta. Mesmo que haja erros, a pessoa saberá identificá-los e corrigi-los.
- autorrespeito: é a certeza do nosso valor para o grupo, sendo assim merecedores dos sentimentos nutridos por ele.

Durante os últimos anos, estudos buscam identificar as mudanças que ocorrem entre os cinco e sete anos em relação ao desenvolvimento da autodefinição. “Uma análise baseada na teoria neopiagetiana diz que a transição dos cinco para os sete anos ocorre em três etapas, que na verdade, formam uma progressão contínua” (PAPALIA, 2006, p.316):

- 1ª etapa (aproximadamente aos quatro anos): é a etapa das representações únicas. A criança se descreve com características individuais. Não admite ter dois sentimentos ao mesmo tempo, por exemplo.

Nesta fase a criança convive com o mundo imaginário, palavras e imagens se confundem em sua cabeça e aparecem os medos por não conseguir distinguir o que é real e o que é imaginário. Reinventa a vida nas brincadeiras. Busca ter sua identidade sexual reconhecida, menina ou menino. É importante que nesta fase a criança seja reconhecida e valorizada.

A autoestima (juízo que a criança faz sobre o seu valor) na segunda infância é generalizada, a criança se considera boa ou má. As crianças geralmente supervalorizam suas capacidades. “Embora possam fazer julgamentos sobre sua competência em diversas atividades, ainda não são capazes de ordená-los por importância e tendem a aceitar os julgamentos de adultos, que, muitas vezes, oferecem um retorno positivo e isento de crítica”. (HARTER, *apud* PAPALIA, 2006, p. 319)

- 2ª etapa (dos cinco aos seis anos aproximadamente): é a fase dos mapeamentos representacionais, ou seja, a criança faz conexões lógicas entre aspectos do eu.

A criança começa a fazer julgamentos, compreender regras de jogos. Começa a valorizar o que os outros pensam da sua pessoa e a se preocupar com as exigências feitas pelos pais, pela escola. O descaso é muito sentido pela criança nesta época.

- 3ª etapa (a partir dos sete anos aproximadamente): é a fase de sistemas representacionais, onde a criança começa a integrar diversos tipos de características. As autodescrições tornam-se mais equilibradas.

Somente na terceira infância as avaliações pessoais de competência e de adequação (baseadas na internalização dos padrões dos pais e da sociedade) normalmente tornam-se críticas na formação e na manutenção de um senso de valor próprio (PAPALIA, 2006, p. 319)

Quando a criança começa a compreender suas próprias emoções, começa também controlar seu modo de demonstrar seus sentimentos e a compreender os sentimentos dos outros.

Se for permitido à criança lidar suficientemente com um determinado problema, ela provavelmente chegará a uma regra geral, embora ela não o faça sistematicamente.

Muitas vezes encontramos crianças que não conseguem lidar com os desafios propostos, tornando-se impotentes frente a alguma situação. Esses insucessos, se não forem trabalhados, podem influenciar suas relações e seu desenvolvimento:

O insucesso escolar é, de certa forma, a antevisão da desorganização social. Se falha em qualquer estágio da escolaridade (primária, secundária, etc.), as hipóteses de sucesso na vida são amplamente diminuídas. O insucesso é, na nossa sociedade, uma profecia e um estigma muitas vezes irreversível (Fonseca, 1995, p.366)

O fracasso escolar muitas vezes começa cedo, logo no momento da alfabetização, onde o aluno por motivos diversos não consegue ter sucesso na aprendizagem da leitura e da escrita, o que pode provocar repetências, exclusões, influenciando negativamente na construção da autoestima da criança. Segundo Goulart (2007, p.74), Moysés afirma que a “incapacidade de ler e escrever textos válidos socialmente gera nos alunos sentimentos de incompetência e impotência que reforçam a sua desqualificação social”.

1.4- Discutindo Alfabetização

Até pouco tempo atrás quando falávamos em pessoas alfabetizadas, estávamos falando de pessoas que sabiam ler e escrever, mesmo que mecanicamente o seu nome. Hoje, a sociedade requer muito mais que a simples leitura e escrita de palavras decoradas.

É importante lembrar que a criança percorre um caminho na apropriação da escrita. Este caminho é caracterizado por uma seqüência de níveis. Consideramos os níveis da psicogênese da alfabetização pré-silábico, silábico, e alfabético, como explicou Ferreira (1985):

- **Nível Pré-Silábico:** É a porta de entrada do indivíduo dentro do processo de alfabetização. A criança ainda não estabelece uma relação biunívoca entre a fala e as diferentes representações. Acredita que se escreve com desenhos. Para ela o desenho por si só é suficiente para que alguém possa ler e é capaz de inventar uma história com um desenho e dizer que está lendo.

- **Nível Silábico:** é o período em que a criança faz correspondência quantitativa entre a segmentação oral e os sinais gráficos, ou seja, para cada sílaba de uma palavra ela usa uma letra com ou sem valor sonoro convencional. É no nível silábico que a criança começa a perceber o vínculo entre fala e escrita, ainda que de forma equivocada.

- Nível Alfabético: A criança já conhece o valor sonoro convencional de algumas ou de todas as letras, além de saber juntá-las para formar sílabas e palavras.

Soares (2004a, p. 11) afirma ser a “alfabetização o processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica”. A mesma autora também afirma que,

ao mesmo tempo em que o aluno deverá se apropriar do sistema de escrita alfabético e ortográfico, ou seja, da ‘tecnologia’ da escrita, deverá conquistar habilidades e atitudes de uso dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita (SOARES *apud* SCHOLZE; ROSING, 2007, p. 38).

Portanto, a escola deve desenvolver habilidades de uso da linguagem: da língua oral, para que os alunos saibam adequar suas falas aos diferentes contextos diários, e da língua escrita, para que, ao compreender o uso das diferentes formas em que ela se apresenta, tornem-se usuários competentes desse mecanismo de participação social.

Buscando atender esses objetivos na alfabetização, a criança deve ter contato com diferentes tipos de textos: bilhetes, poemas, notícias de jornais ou revistas, quadrinhos, narrativas tradicionais e contemporâneas, proporcionando ao aluno experiências diversas.

Assim, ao encontrar no processo de alfabetização usos sociais para a escrita, vemos a necessidade de alfabetizar letrando. Conforme Soares (2004b, p. 20), letramento “é entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais”.

1.5- A importância da escola na formação da autoestima.

A escola tem a responsabilidade de auxiliar o aluno a dominar a língua oral e escrita, pois é ela o instrumento que permitirá o acesso a uma vida social plena.

Para Maciel (2010),

se a escola é uma das principais chaves para a aquisição do conhecimento, ensinar a ler e a escrever de modo a atender os usos sociais que o mundo letrado requer significa promover a inclusão social. Então, quando a escola promove o letramento, ela está, na verdade, promovendo a inclusão social e dando ao aluno condição para o pleno exercício da cidadania (p. 103)

Muitos são os desafios encontrados pela escola para a inclusão social destes alunos. Hoje, além de recursos materiais e humanos, surge nas discussões pedagógicas, a preocupação com o relacionamento professor-aluno. Profissionais que antes se preocupavam somente com métodos e técnicas de ensino agora vêem que somente isto não basta, não basta apenas preparar uma ótima aula se esta não considerar a participação do aluno.

A escola é o primeiro espaço de socialização fora do circular familiar, que deve oferecer à criança condições necessárias para que ela sinta segurança e proteção.

Na relação professor-aluno, a afetividade é um aspecto a ser considerado. Ferreira (1999, p. 62), define afetividade como “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”.

A autoestima é construída pelas experiências de vida, tanto as boas como as más. Assim tanto o professor como a família devem estabelecer um vínculo com o aluno onde prevaleça “prazer, amor, segurança, autonomia, orgulho, esperança” (Laporte, 2008, p.9):

- O prazer: o prazer sentido pelo aluno durante diversos momentos são importantes para a construção da autoestima.. Prazer de sentir um beijo ou um abraço, prazer de brincar, de aprender, de viver;
- O amor: ao perceber-se um ser amado o aluno sentirá que é parte de grupo e que é importante para os outros;
- A segurança: o aluno precisa sentir segurança tanto no professor quanto em seus colegas para que assim possa ter confiança em si mesmo;
- A autonomia: os alunos devem ser estimulados a buscarem, a tentarem por si só resolver os desafios propostos;
- O orgulho: o aluno deve ser estimulado a sentir orgulho de si mesmo, de suas boas realizações. Ele deve se aceitar e deve ser aceito como é;
- A esperança: o aluno precisa aprender que precisa esperar pelo atendimento de seus pedidos, que algumas solicitações demoram mais a serem atendidas do que outras e que alguns pedidos não serão atendidos.

A autoestima permite ao aluno conhecer-se o suficiente para utilizar suas habilidades para o seu bem e para o bem do outro, permite que acredite em si e que use essa segurança para enfrentar os desafios que encontra.

A aprendizagem é construída com as relações sociais. Assim, o professor deve observar a criança como um todo e deve estar atento à relação que mantém com ela, esta relação pode influenciar positiva ou negativamente sua aprendizagem.

1.6 - Apresentação do Programa Se Liga

Com o desafio de alfabetizar crianças matriculadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, que já deveriam estar alfabetizadas e que por algum motivo não estão, surgiu o Programa Se Liga Brasil, do Instituto Ayrton Senna - IAS².

Segundo o Instituto Ayrton Senna,

O analfabetismo é o maior vilão da educação pública no Brasil. Ele pune as crianças com a repetência, o difícil recomeço todos os anos, a insegurança e a baixa autoestima. Cerca de 40% dos alunos de 1ª a 4ª série com distorção idade-série ainda não sabem ler nem escrever. (Rede Vencer³)

Em 2001, o Instituto Paulo Monte Negro, criou o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional⁴, que revela o nível de alfabetização da população brasileira e compreende o analfabetismo como “condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.)”.

O Programa Se Liga foi criado para atender às crianças não alfabetizadas que chegavam às turmas do Programa Acelera Brasil. Os dois programas se diferenciam pelo

2 O Instituto Ayrton Senna, atuando desde 1994, desenvolve soluções para combater os principais problemas da educação pública, que impedem milhões de crianças e de jovens de seguirem com sucesso seus estudos. Seus programas educacionais colaboram para reduzir o analfabetismo, a reprovação e o abandono escolar, provocando uma mudança positiva no aprendizado do aluno e na gestão das redes de ensino.

3 Rede Vencer – Canal de comunicação do Instituto Ayrton Senna em parceria com a Auge Tecnologia e Sistemas destinado aos profissionais das redes de ensino parceiras, aos agentes técnicos credenciados pelo Instituto, sua equipes interna. É um espaço virtual disponibilizado para trocas de informações, compartilhamento de pesquisa e inovações, de preocupações e dificuldades, transferências e difusão de tecnologias. Através deste espaço, o Instituto acompanha mensalmente os dados de cada turma participante dos programas.

4 Criado em 2001, o Inaf pesquisa a capacidade de leitura, escrita e cálculo da população brasileira adulta. Entre 2001 e 2005, o Inaf foi divulgado anualmente, alternando as habilidades pesquisadas. Assim, em 2001, 2003 e 2005 foram medidas as habilidades de leitura e escrita (letramento) e em 2002 e 2004, as habilidades matemáticas (numeramento). A partir de 2007, a pesquisa passou a ser bienal, trazendo simultaneamente as habilidades de letramento e numeramento e mantendo a análise da evolução dos índices a cada dois anos.

público que atendem: o primeiro atende crianças não alfabetizadas, o segundo atende as já alfabetizadas.

Os programas são oferecidos pelo Instituto Ayrton Senna e visam trazer para a rede educacional uma cultura de gestão eficaz, focada em resultados e que buscam combater os principais problemas do sistema de ensino: os baixos níveis de aprendizagem, a repetência e a distorção idade/série nas turmas das séries ou anos iniciais do ensino fundamental.

O programa vem sendo implementado em redes estaduais e municipais seguindo a mesma metodologia em todos os lugares, mudando apenas a estratégia de gerenciamento. Após a identificação e localização dos alunos defasados é realizado um teste diagnóstico para identificar os defasados alfabetizados dos defasados não alfabetizados. Essa triagem se faz pela constatação de que entre os alunos defasados das quatro primeiras séries há alunos não alfabetizados e, portanto, necessitam ser alfabetizados no Programa Se Liga antes de ingressarem no Programa Acelera.

Em cada município o programa é gerenciado por um coordenador municipal, a quem compete identificar as escolas, professores, supervisores e alunos que participarão do programa a cada ano.

Ao longo do projeto são coletadas diariamente, e consolidadas mensalmente no programa informatizado chamado Sistema Ayrton Senna de Informação – SIASI informações a respeito da frequência de alunos e professores, abandono dos alunos, registro das visitas dos supervisores, participação dos professores nas reuniões quinzenais, andamento do ritmo do programa e número de livros lidos pelos alunos. Esses dados existem para serem analisados pelos professores, supervisores, coordenadores, e pela equipe técnica do Instituto Ayrton Senna que proporciona assistência técnica ao projeto, visando à avaliação constante e direcionamentos necessários.

O Programa Se Liga conta com materiais didáticos estruturados pelo IAS para os alunos: Módulo de Alfabetização, Caderno de Atividades, Caixa com 30 livros paradidáticos, alfabeto móvel e material dourado, além de manuais operacionais contendo instruções para os coordenadores, supervisores e professores.

Em sua dinâmica da classe, o programa entende a aprendizagem escolar como exigência e esforço de organização, estrutura e ordenação enfatizando que é para isso que existem métodos, técnicas e rotinas.

Utiliza uma adaptação do Método Dom Bosco que

(...) visa diretamente à alfabetização de jovens e adultos. A adaptação para a alfabetização de crianças se reduz quase apenas a uma adequação de linguagem e também à inserção de numerosos jogos e atividades apropriadas, levando em conta o ritmo de aprendizagem das crianças e sua maior disponibilidade de tempo (SANTOS, p. 35).

O método utiliza palavras-chave definidas que são apresentadas a partir de um desenho gerador.

O método, portanto, é primariamente analítico (de palavração), embora, para fins mnemônicos e de simplificação, se escreva de início apenas a primeira sílaba das palavras chaves. E o método retorna logo ao estudo da palavra (por meio da formação de palavras e também de frases), insistindo sempre na compreensão do significado, para não viciar o aluno na repetição de uma sílabação (SANTOS, p. 39).

As palavras propostas no método adotado pelo Programa não devem significar repetição inconseqüente ou atividades repetitivas. Ao contrário, quanto mais prescritas e estruturadas, mais exigem a criatividade e esforço do professor para torná-las vivas, interessantes e envolventes.

Na concepção do Programa, a criatividade do professor não significa fazer algo diferente ou substituir o que está previsto, mas consiste exatamente em fazer, de forma criativa e, sobretudo adaptada e adequada aos alunos, o que já estava previamente definido. No caso de alunos com distorção idade/série, um dos maiores desafios é transformar uma atividade normalmente associada com criança, que é ministrada de forma infantil, num contexto mais juvenil.

Segundo o Instituto Ayrton Senna a rotina da aula no Programa Se Liga não deve ser entendida de forma pejorativa, como algo repetitivo, mecânico, que se faz por obrigação. Segundo o Instituto, rotina significa a organização docente e discente, expressa no planejamento do professor e que possibilite ao aluno participar ativamente do processo de sua aprendizagem. Assim, é fundamental que o professor conheça e entenda as ações e estratégias que formam a rotina da classe do Programa Se Liga onde são definidas estratégias que garantam as ações no contexto do planejamento e viabilizem a prática do professor em sala de aula. Estas estratégias estão definidas como tópicos específicos na sistemática do Programa que são as seguintes:

- Acolhida- É o momento onde se deve transmitir ao aluno, a cada dia, a convicção de que sua presença é importante, é notada e é fundamental para a própria aprendizagem. A acolhida do aluno, depois de uma ausência, deve ser calorosa, e não punitiva.
- Curtindo as leituras – É o momento onde o professor ou um aluno lê para a turma. Também pode ser um momento individual, onde cada aluno lê silenciosamente o texto escolhido. Devem ser oferecidos textos diversos.
- Correção do Para Casa - O “Para Casa” ajuda a formar hábitos de estudo, além de mostrar ao professor as dificuldades de seus alunos ou até mesmo as deficiências na estruturação de suas aulas.
- Desafio - Neste momento é lançada uma pergunta para fazer pensar, para imaginar. O objetivo do desafio é causar uma inquietação saudável no aluno e levá-lo a pensar e a perguntar, buscando as respostas adequadas durante a aula.
- Desenvolvimento das atividades - Momento de utilização do material do aluno onde existem atividades contextualizadas que podem ser realizadas como trabalho individual, em grupo, coletivo, com produção de texto, brincadeiras e atividades no caderno.
- Revisão do Dia - A cada dia, acontece a revisão da aula, onde o objetivo é ajudar o aluno a rever o que aprendeu, organizar seu pensamento e verificar seu progresso e também para o professor avaliar o progresso da turma e dos alunos individualmente.

Durante as aulas do Programa nada deve acontecer de improviso e por acaso. Todas as ações seguem a lógica do sucesso do aluno, do trabalho pedagógico eficiente e da construção de ambientes favoráveis à aprendizagem.

Assim como no Programa Acelera, no Programa Se Liga “a crença na capacidade de aprender do ser humano norteia todo o Programa que se fundamenta em cinco eixos metodológicos, focalizando cada um dos elementos do processo de ensino-aprendizagem” (QUERINO, 2000, p. 141), ressaltando:

- Fortalecimento da autoestima como processo pedagógico: O foco recai sobre o aluno e buscam-se na Psicologia meios de fazê-lo superar os bloqueios emocionais decorrentes de sucessivos fracassos escolares. Na prática da sala de aula, parte-se das próprias atividades escolares, preparadas com o objetivo de possibilitar-lhe o sucesso desde os primeiros passos.(...) Os pequenos sucessos diários, as atitudes do professor e os materiais atrativos e estimuladores atuam como elementos fortalecedores da auto-

estima, criando uma autoimagem positiva e possibilitando ao aluno redescobrir o prazer de aprender e de frequentar a escola.

- Aprendizagens significativas: O foco recai sobre o professor, pois depende dele, do clima que promove em sala de aula e do relacionamento que estabelece com seus alunos, facilitar ou dificultar a aprendizagem. Na capacitação inicial, discutem-se os princípios da aprendizagem significativa e as atitudes do professor na promoção dessas aprendizagens. Nesse enfoque, o professor coloca-se à disposição do aluno, acompanhando-o em seu crescimento diário, estimulando-o em sua caminhada, promovendo atendimento complementar, responsabilizando-se, enfim, pela aprendizagem de todos. O professor reassume, dessa forma, sua função social, e o vínculo criado na sala de aula entre professor e aluno constitui a diferença que marcará de maneira positiva a escolarização desse aluno.

- Interdisciplinaridade:...(as aulas) partem das experiências já vivenciadas pelos alunos que, com o desbloqueio das emoções negativas (medo, sentimento de fracasso, sensação de inutilidade), pelo trabalho de fortalecimento da autoestima, vão fluindo e se tornando conhecimento real, num clima de confiança no professor e de colaboração entre os colegas. A interdisciplinaridade favorece a visão do todo e a aquisição de novos conhecimentos, que passam a ser aplicados no cotidiano.

O trabalho do professor é importante e determinante no sucesso dos alunos, e sua intervenção no processo de aprendizagem deve ser feita por intermédio de ações planejadas com foco nas necessidades de cada aluno.

Ao enxergar-se como peça principal do Programa o aluno sente-se valorizado e sentindo-se assim, passa a participar mais das atividades realizadas em sala e a fazer as determinadas para casa, enxerga-se como agente de sua aprendizagem.

II – OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Verificar a importância da (re) construção da autoestima para a alfabetização de alunos que participam do Programa Se Liga DF.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar quais as ações pedagógicas favorecem à construção da autoestima do aluno;
- Investigar a relação entre autoestima e sucesso/insucesso escolar.
- Verificar se a trajetória escolar influenciou ou não a construção da autoestima do aluno do Programa Se Liga DF.
- Compreender a importância da autoestima do aluno para o professor do Programa Se Liga DF.
- Verificar as estratégias utilizadas pelo Programa Se Liga DF para trabalhar a autoestima dos alunos.

QUESTÃO DE PESQUISA

Como a (re)construção da autoestima dos alunos com defasagem idade-série vai influenciar na alfabetização?

III- METODOLOGIA

3.1- Fundamentação Teórica da Metodologia

Com o objetivo de verificar a importância da (re)construção da autoestima para a alfabetização de alunos que participam do Programa Se Liga DF numa escola pública do DF, foi realizada uma pesquisa qualitativa, entendendo que,

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. (Ludke e André, 1986, p.13)

Para a construção de um trabalho de pesquisa que envolva o trabalho pedagógico e seus desdobramentos, a pesquisa qualitativa torna-se o processo mais adequado uma vez que valoriza a construção ou desconstrução do conhecimento.

Nesta abordagem, algumas características são de grande relevância para a investigação: o contato direto do investigador com situação pesquisada, os dados são predominantemente descritivos, o ponto de vista dos envolvidos e todo o processo de pesquisa são valorizados.

Assim, não buscamos chegar a um resultado único, buscamos promover discussões que contribuam para o campo de pesquisa da área educacional.

3.2- Contexto da Pesquisa

A pesquisa aconteceu numa turma do Programa Se Liga DF da Diretoria Regional de Ensino – DRE de Santa Maria. Esta turma já era acompanhada desde o início do ano letivo de 2010 pela pesquisadora que era coordenadora dos Programas Se Liga e Acelera na DRE. Como coordenadora, acompanhava a turma através dos relatórios mensais de acompanhamento de leitura e escrita, das reuniões mensais com os supervisores dos Programas nas escolas e quando necessário, através de visitas às salas de aula.

Esta turma foi escolhida pelos resultados apresentados pelo programa em todo o DF nos anos anteriores e também pelo trabalho realizado pelo professor em relação à autoestima dos alunos. Segundo informações do Instituto Ayrton Senna, a taxa de alfabetização no programa gira em torno de 95 a 100%. O que chama a atenção é que em um ano os alunos são alfabetizados, os mesmos alunos que estavam na escola há diversos anos e não eram alfabetizados.

É importante ressaltar que para fazer parte deste programa o aluno não pode ter nenhum tipo de deficiência diagnosticada, por ser um programa com tempo estabelecido e não permitir a adaptação curricular.

A turma do Programa Se Liga funciona numa escola pública do DF, situada em uma cidade satélite. Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola (2010) a turma do Programa Se Liga foi formada por alunos do Bloco Inicial de Alfabetização da própria escola e originários de outras unidades de ensino da mesma DRE. Esta turma tinha uma atenção especial da comunidade escolar por conter alunos com necessidades educacionais especiais não derivadas de deficiências, históricos de indisciplina e violência.

A escola montou a referida turma por ter uma grande preocupação com a distorção provocada pelas diversas repetências e por conhecer o Programa que acontece na instituição desde 2007. Por não ter alunos suficientes para formar a turma, acolheu alunos defasados de outras instituições onde o Programa, que também por falta do mínimo de alunos necessários, não iria acontecer.

O Projeto Político da Escola (2010) caracteriza a comunidade que atende da seguinte forma:

Pesquisas realizadas junto a pais e alunos apontam para uma comunidade cujos indicadores de qualidade de vida têm melhorado ano a ano. A maioria reside em casa própria já que a própria cidade foi formada a partir de um programa governamental de distribuição de lotes. Os chefes de família são empregados do setor de comércio e serviços ou são servidores públicos. As casas dispõem de serviços de água, luz e coleta de lixo e esgotos. A maioria dispõe de serviços de telefonia celular. As residências com computadores e internet em algumas turmas da escola são da ordem de 80%. O quantitativo de alunos com problemas odontológicos é impressionantemente menor que há uma década. É certo que há muitas famílias abaixo da linha de pobreza, entretanto são hoje uma minoria. O nível de participação da comunidade na escola fica aquém do potencial. A relação é de usuário com prestador de serviços. Cobra-se muito, o que é ótimo, mas pouco se contribui. As participações em reuniões são maciças, porém apressadas e de pouca qualidade. As contribuições com a Associação de Pais e Mestres, insignificantes e os pais costumam desrespeitar as regras da escola mais que seus filhos(p.61).

A maioria dos pais sai cedo para trabalhar e voltam tarde do trabalho, muitas vezes os filhos só vêem os pais no final de semana pois estão dormindo quando os pais chegam e saem de casa, e encontram na correria do dia a dia um motivo para se tornarem ausentes no processo educacional dos filhos. Alguns colocam na escola toda a responsabilidade de educação de seus filhos e ainda culpam a escola por qualquer coisa que aconteça na vida dos alunos, ou seja, muitos são completamente ausentes nesta formação.

3.3- Participantes

Participaram da pesquisa a professora e os alunos da turma do Programa Se Liga.

A professora da turma do Programa Se Liga trabalha há 10 anos como professora da Secretaria de Estado de Educação da DF, e como alfabetizadora trabalhou por 4 anos. No início do ano, escolheu trabalhar com a turma do Se Liga por já conhecer o Programa e ter trabalhado com o mesmo no ano letivo de 2009. No ano letivo de 2009, participou da formação do Instituto Ayrton Senna para trabalhar com turmas do Se Liga e por isso não precisou participar da mesma formação em 2010.

A turma possui 20 alunos, sendo 12 meninos e 8 meninas. Eles têm entre 9 e 14 anos, assim distribuídos:

Quadro 1- Idade dos Alunos

Quant. de alunos	Idade
2	9
6	10
4	11
2	12
3	13
1	14

Os alunos antes de serem encaminhados ao Programa estavam matriculados em classes regulares de séries iniciais do Ensino Fundamental, que é chamada ao longo do ano de série de origem:

Quadro 2- Série de Origem dos Alunos

Quantidade de alunos	Série de origem
4	1ª série
14	2ª série
1	3ª série
2	4ª série

Os alunos foram encaminhados para o programa por não estarem alfabetizados e por estarem com dois anos ou mais de defasagem idade-série. Podemos observar que a grande maioria dos alunos é oriunda da 2ª série, contrariando a 2ª meta do Movimento Todos pela Educação que prevê que ao final da 2ªsérie/3ºano todos os alunos estejam alfabetizados. Também existem alunos que estavam na 4ª série sem serem alfabetizados, estes alunos vieram de outras escolas. Como estes alunos chegaram à 4ª série sem serem alfabetizados? Qual o conceito de alfabetização para os professores anteriores? Foram questões levantadas ao longo da pesquisa e que infelizmente no momento não puderam ser respondidas, devido ao direcionamento do trabalho.

3.4 - Materiais

Foram utilizados os seguintes materiais para a realização da pesquisa: gravador, note book, materiais de consumo.

3.5- Instrumentos e Procedimentos de Construção de Dados

A pesquisa foi realizada utilizando os seguintes instrumentos e procedimentos:

- Análise de documentos: foram analisados documentos referentes ao Programa SE LIGA DF: formulários elaborados pelo Instituto Ayrton Senna preenchidos pelo professor, analisados pelo supervisor e pelo coordenador do programa:

- Perfil da turma: preenchido no início do programa. Possui nome dos alunos, sexo, situação no ano anterior (se aprovado ou reprovado), série de origem, data de nascimento,

idade e resultado final. Para que o último campo (resultado final) seja preenchido, o formulário volta para o professor ao final do ano;

- Ficha de Leitura e Escrita: esta ficha é preenchida mensalmente, registra o desempenho do aluno na aquisição das habilidades de leitura e escrita, a partir da observação diária.

Estes documentos contribuíram para a montagem do perfil da turma e para o conhecimento do Programa Se Liga.

- Entrevistas: Foram realizadas entrevistas semiestruturadas (anexo 3 e 4), individuais com os alunos e com a professora da turma do Programa Se Liga.

A entrevista semiestruturada é um tipo de técnica que,

ao mesmo tempo em que afirma a intencionalidade do ato da busca, da pesquisa, abre possibilidades para os depoentes/entrevistados seguirem seus próprios cursos narrativos e trazerem o inusitado, a evocação de suas memórias e visões sobre o que lhe seja significativo (MELLO, 2005, p. 53).

Cada entrevista partiu de um roteiro com questões previamente elaboradas, que, quando necessário, originaram outras questões. Essa técnica foi escolhida por permitir a intervenção do entrevistador no momento oportuno, explicando para a criança, no caso, o que ela precisaria entender e esclarecer pontos que a criança não entendeu.

As entrevistas foram realizadas individualmente, após a assinatura do termo de consentimento pela professora e pelos pais dos alunos. A professora foi entrevistada no horário destinado à coordenação pedagógica e os alunos em horário da aula. Somente 8 alunos foram autorizados pelos pais a responderem as entrevistas que duraram em torno de 8 a 15 minutos. Todos os entrevistados se mostraram à vontade durante a entrevista por já conhecerem a entrevistadora, é importante lembrar que todos foram informados do objetivo da pesquisa e também do sigilo das informações prestadas.

As entrevistas foram gravadas em áudio. Posteriormente as falas foram transcritas, sem alterações, a fim de que não se perdesse a originalidade das respostas.

- Observações: foram observadas as atividades realizadas durante a aula, como os alunos e a professora interagiram, dando ênfase à construção da autoestima do aluno. Também foram realizadas observações de reuniões entre a professora e o coordenador da turma e do conselho de classe final.

As observações ocorreram nos meses de novembro e dezembro/2010. Aconteceram 8 observações, que duraram aproximadamente 3 horas cada uma. Essas observações foram registradas por anotações feitas durante as visitas, tendo o cuidado para não interferir no andamento das atividades do grupo observado.

As anotações foram feitas em um quadro onde constava a data do registro, a atividade que estava sendo realizada em sala e o produto obtido pela observação.

É importante ressaltar que a turma constantemente era acompanhada pela pesquisadora, que durante o ano tinha como responsabilidade, no Programa, participar/observar mensalmente uma aula para auxiliar a professora e o coordenador para garantir o cumprimento do cronograma, da rotina e o bom andamento do Programa.

Os alunos e a professora foram informados dos objetivos da pesquisa, o que proporcionou uma melhor cooperação do grupo durante a coleta de dados.

3.7- Procedimentos de Análise de Dados

As entrevistas foram gravadas em áudio. Posteriormente as falas foram transcritas, sem alterações, a fim de que não se perdesse a originalidade das respostas. As categorias foram determinadas considerando os objetivos da pesquisa, ficando da seguinte forma: (1) Ações pedagógicas que favorecem a construção da autoestima do aluno; (2) Relação entre autoestima e sucesso/insucesso escolar; (3) Influência da trajetória escolar na construção da autoestima do aluno do Programa Se Liga DF; (4) Importância da autoestima do aluno para o professor do Programa Se Liga DF; (5) Trabalho da autoestima dos alunos pelo Programa Se Liga DF .

Os documentos referentes aos alunos foram organizados de forma a contribuir para a montagem do perfil da turma, idade dos alunos, defasagem idade-série.

As observações foram feitas de modo que retratassem o cotidiano da sala de aula, ressaltando dados pertinentes à pesquisa.

Para manter o sigilo sobre a identidade dos entrevistados durante o trabalho a professora foi identificada por P e os alunos por A1, A2, A3, A4, A5, A6 e A7.

IV- RESULTADOS

A pesquisa considerou a relação dinâmica existente entre os alunos, a professora e tudo o que aconteceu na escola, dados que não podem ser traduzidos por números.

Para tanto, foram realizadas observações de atividades diárias na sala de aula durante o mês de novembro e dezembro, também foram realizadas entrevistas com os alunos e a professora da turma.

Essas observações foram a base dos relatos a seguir, juntamente com as falas dos entrevistados, que completam o quadro de resultados.

Esses resultados foram divididos em quatro categorias: (1) Ações pedagógicas que favorecem a construção da autoestima do aluno; (2) Relação entre autoestima e sucesso/insucesso escolar; (3) Influência da trajetória escolar na construção da autoestima do aluno do Programa Se Liga DF; (4) Importância da autoestima do aluno para o professor do Programa Se Liga DF e o trabalho da autoestima dos alunos pelo Programa Se Liga DF.

Categoria 1- Ações pedagógicas que favorecem a (re)construção da autoestima do aluno

Durante as observações realizadas na turma presenciei diversas vezes, ações da professora que favoreciam a (re)construção da autoestima do aluno, como palavras de incentivo da professora para com os alunos e entre os alunos. A professora ao atender um aluno, fazia questão de sentar ao lado dele, atendendo-o com calma:

Episódio 1:

O aluno estava com dificuldade de realizar uma atividade de matemática do livro, a professora percebendo que ele precisava de uma nova explicação sentou ao seu lado e pegando o material dourado, explicou de outra forma o que a atividade pedia, não se preocupou com o tempo ficou ao lado do aluno até o mesmo entender o solicitado.

Episódio 2:

Os alunos corrigiam coletivamente um exercício, quando um ia até o quadro participar, os outros o incentivavam e quando um aluno corrigiu o outro de forma grosseira, os outros chamaram sua atenção, lembrando os combinados (normas criadas pela turma a

serem seguidas durante as aulas) que se tornam prática do grupo, como afirma Vygotski (1987):

Toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiro no plano social e depois no psicológico, a princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica.(p.64)

A professora demonstrava ter consciência que suas atitudes influenciam as atitudes dos alunos, e por várias vezes incentiva os alunos.

P- “Trabalho incentivando os alunos, mostrando que são capazes de aprender. Procuo mostrar seu crescimento, mostro que é capaz de fazer o que os outros fazem.”

Os alunos demonstram que os incentivos da professora também os ajudam a aprender:

A1- A professora fala “você está de parabéns”. A professora falava “lê aqui e eu não sabia” e agora eu sei e ela diz “ muito bem”.

A3- Faz diferença o jeito que a professora me trata.

Ao participar do conselho de Classe a professora disse que sabe que se não ensinar na escola, poucos teriam apoio em casa, por isso alguns dias da semana os alunos que precisam de reforço escolar saem da sala uma hora mais cedo e são atendidos pelo supervisor do programa na escola, que realiza atividades previamente planejadas com a professora. O reforço acontece assim, pois os alunos que necessitam dessa estratégia não voltavam para a escola no turno contrário.

Ainda no conselho de classe, a professora demonstrou muito envolvimento com a aprendizagem dos alunos, participou cuidadosamente da análise do desempenho de cada um, juntamente com o coordenador e outro professor, indicando a série que cada um iria em 2011. A professora demonstrou, mesmo longe dos alunos, a alegria em enviá-los para séries posteriores e o incomodo ao deixar os que não estavam lendo fluentemente na sua série de origem. A professora explicou caso por caso, informando o porquê de cada decisão.

Categoria 2 - Relação entre autoestima e sucesso/insucesso escolar.

A relação entre autoestima e sucesso ou insucesso escolar ficou clara na fala da professora:

P- “A autoestima é importantíssima para a alfabetização dos alunos. Quando o aluno tem uma boa autoestima é mais fácil que ele aprenda. Também noto que quando ele tem uma baixa autoestima, ele tem mais dificuldade de aprender, ele acha que não dá conta.”

E também na fala dos alunos:

A2- Nos outros anos, não recebia ajuda e eu ficava triste. A outra professora só ajudava os outros é por isso que eu não passei. Agora eu to feliz porque eu tirei nota alta na prova. Tinha que ler . Não achava que eu conseguiria. Agora eu acho que vou conseguir.

A8- Sei ler e escrever. Quando não sabia ler e escrever me sentia ruim, não gosto de não conseguir aprender, quero fazer faculdade.

Os alunos que sentem maiores dificuldades em acompanhar o processo de ensino-aprendizagem aos poucos vão perdendo o interesse pela escola, perdendo a motivação em aprender, vão se excluindo do grupo e muitos acabam sendo reprovados. WERNER, 2000 (*apud* RIBEIRO, MIETO E SILVA, 2010, p. 194) exemplifica “que a falta de atenção numa sala de aula, antes de ser uma incapacidade da criança para manter atenção, pode significar uma falta de motivação decorrente de inúmeros fatores, entre os quais propostas pedagógicas inadequadas”.

Em uma das observações os alunos mostraram seus cadernos, foram nítidas as mudanças estéticas. Eles fazem as atividades com carinho, cuidam de seus materiais, o que segundo eles e a professora não acontecia antes. Os alunos expressam através de seus atos que o tratamento recebido em sala de aula também modificam suas atitudes.

Os alunos fazem relação direta entre o aprender e se sentir bem e o não aprender e se sentir mal, demonstrando a construção de um sentido positivo para o ato de aprender

Categoria 3 – Influência da trajetória escolar na construção da autoestima do aluno do Programa Se Liga DF.

A turma pesquisada foi montada devido à defasagem idade-série e à não alfabetização dos alunos, demonstrando uma trajetória escolar conturbada para eles. Os próprios alunos reconhecem que não conseguiam acompanhar as turmas anteriores e que não obtiveram sucesso e demonstraram o quanto o insucesso influenciava suas vidas:

A2- Nos outros anos, não recebia ajuda e eu ficava triste. A outra professora só ajudava os outros é por isso que eu não passei.

A1- “Ficava triste porque eu não sabia ler nem escrever.

A4- As outras, a professora, eu não estudava aqui, lá eu falava tá certo? Volta pra mesa e vai tentar (imitando grito) e agora não é assim, a professora fala lê de novo (voz calma) e eu vou lá e consigo, a calma da professora ajuda bastante. Quando eu erro, eu falo “há não, professora deixa eu tentar de novo” e tento conseguir e acho que vou conseguir. Se não tivesse entrado nessa turma eu não ia conseguir não, parece que as outras professoras só vão para o trabalho para ganhar dinheiro, essa professora tem muita diferença, não grita, fala com calma, acredita que a gente pode aprender...

Durante a observação realizada no dia seis de dezembro, os alunos faziam uma prova enviada pelo IAS, para verificar o rendimento dos mesmos. Antes de entregar a prova um aluno avisou à professora que não havia “estudado nada” e que não faltou a aula, pois sua avó não tinha deixado. A professora conversou com a turma lembrando o que tinha falado nas provas anteriores, que aquela prova era para enviar ao Instituto e que todos precisavam fazer. Durante a prova o aluno parecia não está prestando atenção às questões, parecia não estar atento às atividades. Esse aluno não realizou a prova, ficou com a mesma na mão enquanto os outros respondiam a mesma. A professora relatou que aquele aluno sabia fazer as atividades propostas e que não entendeu sua atitude.

Na semana seguinte, ao ser questionada sobre o assunto a professora informou que o aluno fez a prova novamente no horário destinado ao reforço escolar, acompanhado do supervisor do programa.

Categoria 4 - Importância da autoestima do aluno para o professor do Programa Se Liga DF e Trabalho da autoestima dos alunos pelo Programa Se Liga DF .

A professora ao fazer a capacitação para trabalhar com a turma no início do ano e durante todo o ano recebeu orientações da coordenação em relação à autoestima dos alunos. O programa é baseado na Pedagogia do Sucesso, apesar da professora não conhecer a teoria que fundamenta tal organização, busca seguir o que pede o programa:

“Os alunos precisam participar do processo de aprendizagem, conhecer a dinâmica do programa e da sala de aula, ajudar a definir o comportamento a ser adotado pelo grupo de colegas, responsabilizar-se pela sua presença e comprometer-se com o sucesso”. (LUCENA, 2009, p. 13)

Reconhece a importância do trabalho que prioriza o desenvolvimento da autoestima:

P- “A autoestima é importantíssima para a alfabetização dos alunos. Quando o aluno tem uma boa autoestima é mais fácil que ele aprenda. Também noto que quando ele tem uma baixa autoestima, ele tem mais dificuldade de aprender, ele acha que não dá conta. Na capacitação inicial, o Instituto mostra que devemos incentivar o aluno, mostrando que são capazes”

Ao escolher a turma no início do ano a professora recebeu instruções dos coordenadores e do supervisor, tais como: Acolher o aluno tal como ele é, favorecer para que seja bem sucedido em suas tarefas, promover sua socialização dentre os colegas, oportunizar a sua fala e despertar sua curiosidade.

Segundo relato da professora durante as coordenações que são acompanhadas pelo supervisor, ela procura preparar atividades que favorecem a socialização principalmente trabalhos em grupo e dinâmicas.

P- Os alunos chegaram ao programa desmotivados e se achando incapazes. Hoje, vejo que eles tentam fazer, que buscam ajuda, que ajudam... hoje eles não se acham “os burros” da escola, eles se intitulam com alunos inteligentes, alunos capazes, participam das atividades da escola, não têm medo de perguntar. A maioria quando chegou não acreditava que podia fazer, tinham medo de expor suas opiniões. Poucos participavam da aula, mostravam medo.

P... Agora eles fazem as tarefas com cuidado, apreciam, quando é necessário corrigem sem vergonha. Sabem que todos erram e que não precisam ter vergonha, quando precisam corrigir.

Tanto os alunos com a professora consideram que o erro “desvela o esquema de pensamento e hipótese que o aluno está vivenciando”(DUARTE, 2009, p.240). Esse pensamento vai facilitar as relações em sala e facilitar as intervenções da professora e dos colegas.

O relacionamento entre os integrantes do Programa:

P- Melhorou bastante. Antes não tinham respeito um pelo outro, hoje eles se respeitam, se ajudam. Sabem respeitar o colega até quando esse erra no quadro. Comigo, antes não se abriam muito, tinham vergonha... Aos poucos fui conquistando e hoje sei de coisa que às vezes eles não contam para os pais. Às vezes eles pedem para eu interceder por

eles junto aos pais. Pedem minha opinião. Não tem mais vergonha de perguntar as coisas e se digo que alguma questão está errada, aceitam e corrigem.

Mesmo não sendo uma categoria de análise determinada anteriormente, a participação da família foi uma constante nas falas dos alunos assim como na fala da diretora relatada na apresentação deste trabalho.

Os alunos relataram a participação e o incentivo da família em seus aprendizados:

A1- Em casa minha mãe, minha vó (me ajudam), meu avô, minha tia, eles sabem que eu sei ler e falam tá de parabéns lá em casa eu leio muito muito, muito, muito. Minha mãe acha bom

A3- Em casa minha mãe diz que eu leio bem melhor agora, e eu me sinto bem melhor.

Ficam orgulhosos por poderem ajudar no dia a dia:

A4-Eu consigo ensinar meus irmãos pequenos.

Constatou-se nas observações e nas entrevistas realizadas que ter um programa ou uma estratégia específica em favor de alunos não alfabetizados e com defasagem idade-série provoca mudanças significativas a toda a comunidade escolar.

A professora participa de estudos/coordenações relacionadas às especificidades da turma. Tem um programa a seguir, programa que é acompanhado e avaliado constantemente.

Os alunos além de adquirir habilidades que antes não tinham, recebem incentivos diariamente de toda a equipe envolvida em sua alfabetização.

A família é chamada a participar da vida escolar dos filhos, ao serem apresentadas ao programa, sentem-se também responsáveis pelo sucesso de seus filhos. É dever da família fazer esse acompanhamento mas, não é isso que acontece na maioria das famílias, muitas não sabem o que acontecem na escola, está se tornando normal encontrar pais que não sabem nem em que série/ano seu filho está.

Muitas vezes a família não se envolve pois, só vai à escola para receber reclamações, quando a família é chamada a participar em todos os momentos, na maioria das vezes a resposta é positiva, ou seja, a escola também precisa trabalhar a autoestima da família, proporcionando voz e vez para todos.

V- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao realizar esta pesquisa nos deparamos com dados que neste momento serão discutidos levando em conta o referencial teórico proposto.

Miranda (2010, p.66) afirma que “o espaço escolar contribui decisivamente para a construção da autoestima do aluno”, podemos constatar essa afirmação ao adentrar a sala da turma participante da pesquisa. A sala apesar de pertencer a uma escola grande, sem muitos atrativos visuais e com uma construção que dificulta a comunicação, os professores às vezes precisam gritar para serem escutados pelos alunos, a turma destaca-se das demais por possuir um número menor de alunos, cartazes e livros de literatura infantil expostos e pela disposição das carteiras em U. Nos murais estão expostos os trabalhos dos alunos.

Além da organização física da sala de aula,

o trabalho pedagógico tem muito a ver com a organização da sala de aula como espaço de diálogo, reflexão e construção, mesmo que essa concepção do espaço social de sala de aula tenha sido, até o presente, algo pouco trabalhado na educação e nas próprias ciências do homem. (GONZÁLEZ REY, *apud* RAPOSO e CARVALHO, 2010, p. 158).

Percebeu-se a preocupação com a autoestima dos alunos em vários momentos: o falar, o atendimento individual e do grupo, incentivos da professora.

Quando o professor acredita que os alunos são capazes de aprender, sua prática parte da necessidade destes, pois, se eles não se desenvolvem, alguma dificuldade os impede. A função do professor é descobrir o problema, propor uma forma de superação e colocá-la em prática. (LUCENA, 2009, p. 13)

O acompanhamento das atividades pela professora demonstra envolvimento e preocupação com o aprendizado dos alunos que se sentem importantes, se enxergam como participantes do grupo e “a sensação de pertencimento a um determinado grupo é, indiscutivelmente, um aspecto de extremo valor no processo de construção da identidade e da autoestima”. (MIRANDA, 2006, p. 28)

Ao considerar as necessidades dos alunos, através da mudança de horário do reforço escolar, do atendimento individual quando necessário, a professora além de seguir a proposta da Declaração de Salamanca quanto ao ajustamento da escola à criança, segue a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, colocando a criança como objeto central de uma educação que preze a flexibilidade e adaptação de meios que considerem as necessidades individuais.

Quanto à relação entre autoestima e sucesso ou insucesso escolar, notou-se que os alunos relacionam seus sucessos aos incentivos recebidos e suas frustrações à falta deles, reafirmando a importância das relações nas suas aprendizagens, “o aluno não está sozinho no processo de produção subjetivo na aprendizagem, pois esse se apoia, fundamentalmente, não apenas na sua história pessoal, mas, também, no conjunto de relações que estabelece” (AMARAL e MARTINEZ, 2009, p.153)

Ao relembrar a trajetória escolar os alunos demonstram sentimentos em relação à pessoas com as quais conviveram, principalmente a professora, analisam suas ações e relacionam suas atitudes com os estímulos que receberam, lembrando Papalia (2006, p.402), que afirma que “um grande contribuinte para a autoestima é o apoio social- primeiro dos pais e dos colegas, depois dos amigos e dos professores”.

Ressaltamos que é indiscutível que tais programas não precisariam estar funcionando, se nas séries regulares houvesse o acompanhamento e o envolvimento por parte de todos os atores do processo de ensino-aprendizagem, alunos, pais, professores, governantes e se as políticas públicas estivessem voltadas não somente para a inclusão, mas, para a permanência bem sucedida dos alunos nas escolas.

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações devem ser feitas ao final deste trabalho que teve como objetivo verificar a importância da (re)construção da autoestima para a alfabetização de alunos que participam do Programa Se Liga DF.

Após o período de observações, entrevistas e análises de dados verificou-se que a autoestima tem uma grande importância para a alfabetização de alunos defasados idade-série, uma vez que influencia ou podemos dizer determina condições essenciais para o sucesso ou insucesso escolar.

Ressalto que essa influência não acontece somente na alfabetização, acontece em toda a trajetória escolar, ficando evidente a necessidade de (re)construir a autoestima do aluno em toda atividade que visa o sucesso.

A (re)construção da autoestima pressupõe um olhar diferenciado sobre o principal personagem do processo ensino-aprendizado: o aluno.

O trabalho voltado à autoestima dos alunos facilitou a alfabetização destes, que enxergaram que eram capazes de aprender após anos de insucesso escolar. Também possibilitou a inclusão destes alunos às classes regulares, agora com uma diferença, a capacidade de acompanhar com sucesso as atividades desenvolvidas nas mesmas.

Acredito que muito mais do que influenciar na alfabetização, o trabalho com a autoestima influenciou o modo com que estes alunos passaram a ver a sociedade que os cercam, possibilitando a inclusão social de cada um deles.

Considero a temática essencial para a formação dos professores e profissionais que atuam no ambiente escolar, ressaltando a necessidade do trabalho desde o primeiro dia de aula, para que assim o ambiente escolar seja um ambiente agradável para todos que dele participam.

Acredito também que este estudo pode promover uma discussão sobre os projetos que a Secretaria de Educação utiliza para sanar dificuldades encontradas para atender os alunos. Através dessas discussões as escolas poderão formular projetos próprios para atender seus alunos.

Como a autoestima pode e deve ser trabalhada desde o momento do nascimento, deixo como sugestão para estudos futuros a influência dos pais na (re)construção da autoestima do aluno, assim como o estudo da autoestima do(a) professor(a), personagens essenciais na formação do aluno.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. L. N.; MARTINEZ, A. M. Aprendizagem Criativa no Ensino Superior: A significação da dimensão subjetiva. In: MARTINEZ, A. M.; TACCA, M. C. V. R., A Complexidade da aprendizagem: destaque ao ensino superior (org.). São Paulo: Editora Alínea, 2009.

BRANDEN, N. Autoestima e seus pilares. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

BRONFENBRENNER, U. (1996). A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. (M.A. Veríssimo, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1979).

Declaração de Salamanca. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2011.

DUARTE, N. O professor e o erro no processo de alfabetização. In: MARTINEZ, A. M.; TACCA, M. C. V. R., A Complexidade da aprendizagem: destaque ao ensino superior (org.). São Paulo: Editora Alínea, 2009.

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A.. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre. Artes Médicas, 1985

FONSECA, V. da. Introdução às dificuldades de aprendizagem. 2º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOULART, C. Processos de letramento na infância: aspectos da complexidade de processos de ensino-aprendizagem da linguagem escrita. In: SCHOLZE e ROSING, Lia e Tânia M. K. (Org). Teorias e práticas de letramento. Brasília: INEP, 2007.

LAPORTE, D. O despertar da autoestima: de 0 a 6 anos. São Paulo: Paulus, 2008.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 05 jan. 2011.

LUCENA, A. L. Outros autores. Coleção programa Acelera Brasil. São Paulo: Global, 2009.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MACIEL, D. A. Alfabetização e Letramento: Aprender o código ou o sistema de escrita? In: KELMAN, C. A. [et al.]; MACIEL, D. A. e BARBATO, S. (org). Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar. Brasília: Editora UnB, 2010.

MAHONEY, A. A. Introdução. In: Henri Wallon – Psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2000.

MELLO, M. Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto. Porto Alegre: Ed. Isís, Diálogo – Pesquisa e Assessoria em educação popular, IPPOA – Instituto Popular Porto Alegre, 2005.

MIRANDA, S. de. Afetividade e autoestima da criança. 1ª ed. – Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.

PAPALIA, D. E. Desenvolvimento Humano. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Projeto Político Pedagógico Caic Santa Maria.

QUERINO, M. M. de F. Aceleração da Aprendizagem: a redescoberta do prazer de aprender. In: Em Aberto, Brasília, v.17, 2000.

RAPOSO, P. N.; CARVALHO, E. N. S. de. A pessoa com deficiência visual na escola. In: KELMAN, C. A. [et al.]; MACIEL, D. A. e BARBATO, S. (org). Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar. Brasília: Editora UnB, 2010.

Relatório Anual do Movimento Todos pela Educação - De Olho nas Metas-2010. Disponível em: http://www.todospelaeducacao.org.br//arquivos/biblioteca/sumario_de_olho_nas_metas_2010_pdf%28final%29.pdf. Acesso em: 05 jan. 2011.

RIBEIRO, J. C. C.; MIETO, G.; SILVA, D. N. H. A produção do fracasso escolar. In: KELMAN, C. A. [et al.]; MACIEL, D. A. e BARBATO, S. (org). Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar. Brasília: Editora UnB, 2010.

_____. O aluno com deficiência intelectual na sala de aula: considerações da perspectiva histórico-cultural. In: KELMAN, C. A. [et al.]; MACIEL, D. A. e BARBATO, S. (org). Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar. Brasília: Editora UnB, 2010.

ROSA NETO, F. Manual de Avaliação Motora. Porto Alegre: Artmed, 1996.

SANTOS, I. D. dos S. Método Dom Bosco de Base. In: FARIA, D. S. de (organizadora). Alfabetização: práticas e reflexões; subsídios para o alfabetizador. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

SOARES, M. B. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n. 25, p. 5-17, jan/ fev/mar/abr., 2004a.

_____. Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos. Revista Pátio, ano VIII, n. 29, p. 19-22, fev / abr. 2004b.

TIBA, I. Disciplina: limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1999.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WADSWORTH, B. J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget (ROVAI, E., Trad); supervisão editorial Maria Regina Maluf. 5ª ed. – São Paulo: Pioneira, 1997.

APÊNDICES

A – Roteiro de entrevista com a Professora

Com o objetivo de coletar dados teremos com um dos instrumentos a entrevista, que será gravada, sendo iniciada com a apresentação do objetivo da pesquisa e depois encaminhada pelas seguintes questões:

Formação:

Quantos anos de magistério:

Quantos anos no Programa:

Quantos anos trabalha com alfabetização:

Como você relaciona a alfabetização da turma e o trabalho com a autoestima?

Como você trabalha a autoestima dos alunos durante as aulas?

O Programa Se Liga favorece este trabalho? Como?

Você acha que este trabalho está favorecendo o aprendizado destes alunos?

Você percebe diferença da autoestima dos alunos do início do ano para o presente momento?

Você alguma vez notou sentimento de incapacidade nos alunos?

Eles valorizam suas produções?

Como você percebe o relacionamento entre os alunos? E dos alunos com você?

Como os alunos lidam com os erros? Como você conduz o trabalho em relação ao erro?

B– Roteiro de entrevista com o Aluno

Com o objetivo de coletar dados teremos com um dos instrumentos a entrevista, que será gravada, sendo iniciada com a apresentação do objetivo da pesquisa e depois encaminhada pelas seguintes questões:

Série de origem:

Quantos anos de escolaridade:

Como você se sentia quando entrou na turma do Se Liga? Por não saber ler nem escrever?

Alguma vez você se sentiu chateado na escola? Por quê?

E agora que você aprendeu a ler (ou está aprendendo a ler), como você se sente? Alguma vez você achou que não conseguiria?

Você entrou na turma do Se Liga por não ser alfabetizado e não conseguir acompanhar a turma onde estava. Agora depois de passar um ano no Programa, você acha que conseguirá acompanhar as outras séries/anos?

Nos anos anteriores você era incentivado por estas pessoas (professora, pais, outros)?

Durante o ano você foi incentivado a ler e escrever por quem (professora, pais, outros)?
Como?

O que a professora fala ou faz que deixa você animado?

Você acha que esse incentivo foi importante para você aprender?

Você acha a turma do Programa Se Liga diferente das outras?

Será que se você estivesse em outra turma você teria aprendido as mesmas coisas?

O que você acha das atividades que você faz?

Quando você erra alguma atividade, como você se sente? O que você faz?

C- Protocolo de Observação

Data	Atividade Desenvolvida/ Ações Destacadas	Observações

ANEXOS

A – CARTA DE APRESENTAÇÃO



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



A(o) Diretor(a)

Do

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coord. Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: Coleta de Dados para Monografia

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF (polos UAB-UnB de Santa Maria e Ceilandia). Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Informo que foi autorizada pela Secretaria de Educação a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Informações a respeito dessa autorização podem ser verificadas junto a EAPE.

O trabalho será realizado pela Professora/cursista Daniele Araujo da Silva sob orientação da profª Linair Moura Barros Martins cujo tema é: A importância da (re)construção da autoestima para a alfabetização de alunos com defasagem idade-série.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (061) 91046650 ou por meio dos e-mails: danielearajodf@gmail.com.

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (PROFESSORA)



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhora Professora,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a importância da construção da autoestima para a alfabetização de alunos com defasagem idade-série. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevistas gravadas em áudio com a professora e com os alunos da turma do Se Liga DF e observações de aulas no intuito de coletar dados para a mesma. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 91046650 ou no endereço eletrônico danielearaujodf@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Daniele Araujo da Silva

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano,
Educação e Inclusão Escolar, UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (PAIS)



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a importância da construção da autoestima para a alfabetização de alunos com defasagem idade-série. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevistas gravadas em áudio com a professora e com os alunos da turma do Se Liga DF e observações de aulas no intuito de coletar dados para a mesma. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 91046650 ou no endereço eletrônico danielearaujodf@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Daniele Araujo da Silva

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano,

Educação e Inclusão Escolar, UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____